



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS
CURSO DE LETRAS**

Emilly Teixeira da Conceição

Articulações entre Literatura, ensino literário e Multiletramentos

Araguaína / TO

Emilly Teixeira da Conceição

Articulações entre Literatura, ensino literário e Multiletramentos

Monografia apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Letras - Português, para obtenção do título de licenciada em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Barros de Sousa Lima

Araguaína/ TO

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T266a Teixeira da Conceicao , Emilly .
 Articulações entre Literatura, ensino literário e Multiletramentos /
 Emilly Teixeira da Conceicao . - Centro de Ciências Integradas - CCI,
 TO, 2024.
 28 f.

 Monografia Graduação (Graduação - em Letras - Português) --
 Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2024.

 Orientadora: Elizabete Barros de Sousa Lima.

 1. Literatura. . 2. Formação leitora. 3. Multiletramentos.

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.


Emilly Teixeira da Conceição

Articulações entre Literatura, ensino literário e Multiletramentos


Monografia apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) – Centro de Ciências Integradas como parte dos requisitos para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras.

Data de aprovação: 26/11/2024


Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **ELIZABETE BARROS DE SOUSA LIMA**
Data: 02/12/2024 01:46:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Elizabete Barros de Sousa Lima, UFNT
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **WALACE RODRIGUES**
Data: 01/12/2024 17:24:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Wallace Rodrigues, UFNT Examinador
interno

Documento assinado digitalmente
 **ANGELITA GOMES FONTENELE RODRIGUES DA CUNHA**
Data: 03/12/2024 21:29:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Doutoranda Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha, PPGLLIT
Examinadora Externa

Araguaína/TO 2024

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo primeiramente ao meu maravilhoso Deus, que sonhou junto comigo a conclusão dessa graduação. Esta foi uma etapa de minha vida que sempre idealizei e hoje concluo com muita gratidão, pois, apesar de ter que trabalhar e estudar, venci cada período.

Agradeço aos meus professores pela dedicação, em especial à minha orientadora, Dra. Elisabete Barros, que sempre esteve comigo, disposta a me ajudar e a entender as minhas dificuldades em ter que trabalhar e estudar: a sua contribuição durante todo o processo foi essencial e inspiradora.

Dedico também à minha família, meu pai Pedro Teixeira, minha mãe Dílcia Pereira, minha irmã Larissa Teixeira, ao meu esposo Hitallo e ao meu filho Antony, que está em meu ventre. Ele me deu razões para não desistir e participou junto com a mamãe nesta reta final.

Por fim, expresso minha gratidão às minhas colegas de sala de aula, que estiveram ao meu lado durante esses 4 anos, em especial Barbara Aguiar, Kayane Cristhine e Juliana Vieira. Meninas, obrigada por tudo!

RESUMO

Este artigo investiga a contribuição da literatura na formação leitora dos estudantes. O objetivo de se recorrer, mais uma vez, a este tipo de investigação deve-se tanto às transformações nos gêneros literários quanto por ainda não vermos sanadas as problemáticas que impedem o exercício da leitura literária como prazer e fonte de transformação social. Desse modo, recorreu-se ao pensamento do professor Paulo Freire (1989) e da pensadora Regina Zilberman (2012) para discorrer acerca da importância da leitura e as problemáticas ainda enfrentadas no ensino de literatura; para discutir a importância dos letramentos literários, recorreu-se às teorizações de Cosson (2014). Acerca dos multiletramentos literários, trouxemos o pensamento de Rojo (2012), quando a autora estabelece a importância de se considerar o contexto cultural do estudante para o ensino de literatura. A partir dessas considerações, entendemos que a educação ainda padece de muitos desafios para alcançar sua legitimação nos espaços educacionais. Por sua vez, os multiletramentos são possíveis práticas de ensino que podem apreender melhor a atenção do educando e transformar os caminhos da leitura.

Palavras-chave: Literatura. Formação leitora. Multiletramentos. Minicontos.

ABSTRACT

The following article investigates the contribution of literature to the formation of the reader. The interests in going back to this topic are both the changing of literary genres and the questions that were not answered yet, such as the barriers to the reading literature as a pleasure and also as a root to social transformations. Thereby, the article brought the thoughts of Paulo Freire (1989) and Regina Zilberman (2012) to discuss the importance of the reading and the troubles faced in teaching literature; concerning literary literacies, it was utilized Cosson's theories (2014). About literary multiliteracies, it was added Rojo's contributions (2012) about considering the cultural context of the students when teaching literature. From those perspectives, it was understood that the education is permeated by innumerable barriers in order to reach the legitimation in education. Therefore, multiliteracies are possible practices in the teaching/learning process that are capable of catching students' attention and changing their reading paths.

Keywords: Literature. Reading training. Multiliteracies. Flash fiction.

Sumário

Introdução	8
1. A importância do ato de ler: um direito básico do indivíduo	10
2. O ensino de literatura	15
3. Os multiletramentos como possibilidades pedagógicas	21
Considerações finais	25
REFERÊNCIAS	26

Introdução

A literatura infantil teve sua origem na França no século XVII, momento em que as histórias tinham como foco principal alcançar crianças e adolescentes. Nesta época, as obras literárias partiam de histórias contadas por intermédio da oralidade e reescritas por escritores conhecidos da época e, diante dos primeiros acessos que os alunos tinham com a literatura, foi perceptível que as obras literárias emancipavam as imaginações e emoções das crianças.

Ao pensarmos a formação, a alfabetização e o letramento estão extremamente ligados e os educadores devem apresentar aos alunos obras literárias que se conectem com suas vidas cotidianas. Esse enfoque resulta em uma leitura crítica mais eficaz e, conseqüentemente, na compreensão mais profunda e significativa das obras literárias. É fundamental destacar a influência da escola nesse processo, uma vez que ela desempenha papel central ao proporcionar aos alunos o ambiente necessário para adquirirem domínio da língua e compreenderem as diversas variedades linguísticas.

Entretanto, enfrenta-se desafios, uma vez que a promoção da leitura e da escrita tem se mostrado tarefa complexa para os professores. Isso ocorre, em parte, devido à escola ser encarregada do desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita, mas, também, porque a família desempenha papel crucial nesse processo. Portanto, a colaboração entre a escola e a família é essencial para se alcançar o sucesso, embora, muitas vezes, a família não esteja em condições ideais para fornecer o apoio necessário, e também vivemos em uma sociedade desigual, em que poucos têm condições, tanto culturais quanto financeiras, para fornecer capital leitor para as crianças.

É importante ressaltar que, para Candido (2013), a literatura desempenha papel essencial na formação humana, orientando-nos na identificação das características fundamentais do ser humano, como a capacidade de reflexão, a aprendizagem de virtudes, como a bondade em relação aos outros, o domínio das emoções, a compreensão dos desafios da vida, a apreciação da beleza, a percepção da complexidade do mundo e das pessoas, bem como o cultivo do senso de humor. Esse processo de humanização, catalisado pela literatura, enriquece a compreensão e amplia nossa abertura em relação à natureza e à sociedade. Candido também enfatiza a importância dessa humanização na educação em casa, nos grupos sociais e na escola, pois ela contribui para o entendimento mais profundo e maior conexão com a essência da natureza humana e a convivência em sociedade. Conforme o autor,

Nas nossas sociedades, a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. (Candido, 2023, p. 190)

Dialogando com as palavras de Candido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ressalta que a literatura e a arte em geral oferecem aos alunos a oportunidade de alcançar potencial humanizador significativo, promovendo a formação do senso crítico, empático, da fruição e de interações sociais enriquecedoras. O documento enfatiza a importância da literatura na educação escolar, afirmando que o acesso a essas formas de expressão cultural é um direito de todos, pois servem para o desenvolvimento sociocultural do homem. Por sua vez, contrário às postulações do documento, ainda enfrentamos desafios enormes para a oferta de educação que alcance a diversidade da experiência humana e que enxergue a literatura como aporte necessário a formação do homem.

Como possíveis caminhos para uma educação mais integradora e inclusiva, as postulações de Roxane Rojo e seu grupo, acerca dos multiletramentos, agrega valor à discussão do ensino da literário, ao observar a ação integradora entre conhecimentos do educador e do educando, abrindo portas para que ambos possam ser receptáculos de aprendizagem, pois sabemos, como bem postula a filosofia de Paulo Freire, que o interesse do educando se manifesta bastante quando se vê integrado ao objeto de conhecimento.

Diante do exposto, o objetivo desta pesquisa foi discutir as contribuições que a literatura pode oferecer ao ensino por meio dos Multiletramentos. Para isso, partimos da análise bibliográfica de como os textos literários facilitam o processo de letramento. Assim, nos amparamos nos estudos de Candido (2013) acerca da humanização ofertada pela literatura; nos estudos de Paulo Freire (1989) sobre a importância da leitura, nas discussões de Regina Zilberman (2012) ao problematizar os desafios educacionais vigentes; e nos apontamentos de Roxane Rojo (2013) acerca da interação dialógica no ensino de leitura, a partir dos conceitos de multiletramentos. Finalizamos o estudo com análise de um microconto, destacando como esse gênero contemporâneo pode ser trabalhado pelo educador.

1. A importância do ato de ler: um direito básico do indivíduo

Paulo freire (1989) pondera que compreender o mundo ao nosso redor é essencial para aprender a ler as palavras, isto porque entender as relações sociais e culturais são fundamentais para que o leitor possa interpretar e relacionar o que ler e o que se aprende, pois, para o filósofo, aprender a decodificar as letras e as palavras não é o suficiente para desenvolver uma compreensão mais ampla da realidade. A alfabetização não pode se centrar somente na educação formal e padronizada, mas integrar as habilidades de leituras do mundo para uma educação mais englobada e eficaz. Paulo Freire (1989, p. 09) salienta que:

Me parece indispensável, ao procurar falar de tal importância, dizer algo do momento mesmo em que me preparava para aqui estar hoje; dizer algo do processo em que me inseri enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Desse modo, é perceptível que para a formação leitora é importante o contato do leitor com mundo, pois, através dessa experiência, a mente se conecta com diferentes áreas de conhecimento, reconhecendo palavras, significados e expansão de ideias. Ao ler, a mente relaciona os significados e suas relações com outros conceitos, expande a imaginação e desperta as emoções que possibilitam adquirir novos conhecimentos. Portanto, pensar em formação leitora é entender que os estudantes podem explorar múltiplos significados discursivos, considerando que possam expor suas experiências particulares e relações com a realidade. Isto significa conseguir estabelecer liames entre a leitura e o mundo, atendendo às necessidades e aos interesses particulares, o que resulta em leitores mais críticos.

Quando os estudantes leem uma história, no primeiro momento, são desafiados a imaginar como são os personagens, são estimulados a criarem imagens mentais. Assim, poderão explorar mundos imaginários e ao mesmo realizar reflexões, pois a maioria das narrativas apresentam alguma problemática, que gera conflitos entre os integrantes do discurso. Com isso, os leitores mirins são induzidos a pensarem de forma criativa a como

resolver esse problema, apresentando diversas formas de resolução do conflito. Essa forma de resolver a questão literária é um ensaio para sanar desafios da vida.

É importante destacar que leitura e linguagem estão entrelaçadas, uma vez que a primeira permite o domínio da segunda: o homem se comunica com outros falantes, isso se dá porque a linguagem se concretiza por meio dos variados discursos da vida. O meio social pode influenciar bastante no desenvolvimento da linguagem porque “todo falante nativo usa sua língua conforme as regras próprias de seu dialeto, espelho da comunidade linguística a que está ligado” (Cagliari, 1997).

A leitura não se resume em apenas um ato de decifrar palavras e frases de forma correta, mas também está relacionada à capacidade de interpretar e compreender o que está sendo lido. É indispensável entender a leitura como um processo contínuo de aprendizado, e, desde o início, é necessário desenvolver habilidades que permitam que o leitor possa se envolver por completo com o conteúdo lido. Conforme Zilberman (2012, p. 42):

O texto depende da disponibilidade do leitor de reunir em uma totalidade os aspectos que lhe são oferecidos, criando uma sequência de imagens e acontecimentos que desemboca na constituição do significado da obra. Esse significado só pode ser construído na imaginação, depois de o leitor absorver as diferentes perspectivas do texto, preencher os pontos de indeterminação, resumir o conjunto e decidir-se entre iludir-se com a ficção e observá-la criticamente. A consequência é que ele apreende e incorpora vivências e sensações até então desconhecidas, por faltarem em sua vida pessoal.

Compreender de forma literal o que está sendo lido é essencial para uma leitura completa, uma vez que captar os significados das palavras, entender a organização do texto, identificar as ideias principais e relacionar as informações é primordial para que os alunos possam analisar, identificar a intenção do autor e fazer conexões entre o texto e o conhecimento preliminar. Ao ler é possível fazer uma alta absorção de informações. Assim, na medida em que se pratica a leitura, melhora-se a capacidade da fluidez, evitando pausas excessivas ou dificuldades nas pronúncias de palavras, pois a fluência viabiliza uma compreensão mais rápida e eficiente do texto.

Paulo Freire (1989) sustenta a relação entre a leitura do mundo e a leitura das palavras, como prática rica e inovadora entre linguagem e contexto, posto que as duas relações contribuem positivamente na educação escolar. Isto se dá pelo fato de os estudantes se tornarem sujeitos ativos. Nas práticas escolares, os educandos poderão trabalhar em conjunto com os colegas na exploração e compreensão dos textos, podendo relacionar o conteúdo com a realidade, utilizando a leitura como uma ferramenta de engajamento e investigação ativa, o que possibilita maior liberdade para se construir

significados mais importantes a partir de suas próprias perspectivas e interações. Paulo Freire (2015, p. 130), no livro *Pedagogia dos sonhos possíveis*, salienta que:

Então, para mim, o processo de alfabetização válido entre nós é aquele que, inclusive, discute isso com o alfabetizando. É aquele que não se satisfaz apenas — e agora volto a uma afirmação que eu venho fazendo há anos neste país — com a leitura da palavra, mas que se dedica também a estabelecer uma relação dialética entre a leitura da palavra e a leitura do mundo, a leitura da realidade. A prática da alfabetização tem que partir exatamente dos níveis de leitura do mundo, de como os alfabetizados estão lendo sua realidade, porque toda leitura do mundo está grávida de um certo saber. Não há leitura do mundo que não esteja empregnada pelo saber, por certo saber.

É necessário enfatizar, partindo dessa concepção do filósofo, que a criança começa a leitura no momento em que observa o mundo através dos sinais, objetos e sons. A maneira como eles têm contato com o mundo é considerada uma forma de leitura, ato que se consagra quando escutam o som de um pássaro e sabem que aquele som indica um animal; da mesma forma ocorre ao olhar para um objeto e saber que não é seu. Essa percepção de leitura do mundo pode ser observada antes mesmo de estar inserido na escola.

Mas, é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado mal querenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz. (Freire, 1989, p. 11).

Portanto, o processo de alfabetização começa em casa, posto que as observações do ambiente ao redor colaboram para o desenvolvimento da leitura. Essa familiaridade com o mundo concretiza a capacidade de transição para o ambiente escolar, reduzindo estranhamento às palavras. A presença dos pais nesta fase inicial é indispensável, uma vez que são responsáveis por orientar e enriquecer a experiência dos filhos, visto que tudo se soma em um conjunto de informações essenciais que contribuem positivamente para o processo de aprendizagem. Isso evidencia a importância de uma educação que esteja profundamente enraizada na realidade vivenciada pelo aluno, proporcionando uma base sólida para seu desenvolvimento.

A leitura crítica ganha força no momento em que o educador participa ativamente,

pois cumpre o papel de facilitar a transição da leitura passiva para leitura ativa, mais engajada e reflexiva, a qual incentiva o pensamento crítico. Ensinar língua é investigar e fortalecer curiosidades intelectuais entre os alunos. A dinâmica dialógica entre aluno, texto e contexto é um dos promissores caminhos para se alcançar tais objetivos. Mas vale ressaltar que, uma boa prática de leitura não está ligada à quantidade de páginas lidas e muito menos a uma leitura mecânica e memorável do conteúdo, mas, sim, compreender a diversidade discursiva dialógica textual. Apesar do avanço da comunidade leitora de nosso país, a quantidade de analfabetos funcionais é larga: as pessoas leem os enunciados, mas não conseguem perceber os implícitos que a compõem, ato que leva à alienação.

Essas dificuldades presentes dentro e fora das salas de aula estão relacionadas à questão do letramento ou do alfabetismo funcional que, como vimos, refere-se às habilidades de leitura e escrita de textos em diferentes gêneros e funções sociais. Ou seja, a criança e o adolescente aprendem as letras, as sílabas e as palavras no processo inicial de alfabetização, mas não conseguem aprender a fazer um uso da palavra escrita de maneira significativa e criativa, como vimos na concepção de Paulo Freire. Isso nos leva a questionar o processo de escolarização e sua função, que é alfabetizar e letrar. (Toledo, 2009, p. 16)

Os implícitos dessa informação nos levam a pensar a ausência do Estado na qualificação continuada docente e na oferta de aparatos que possam contribuir para o exercício didático, sendo um deles a oferta de livros literários para todos os estudantes e a construção de bibliotecas em todas as escolas.

Nessa perspectiva apresentada, é relevante destacar a contribuição da biblioteca na formação leitora, pois o acesso a esse ambiente possibilita o desenvolvimento do estímulo e do gosto pela leitura, tornando-se espaço adequado para promover a descoberta de novos mundos por meio da leitura, ao ampliar o repertório literário e possibilitar que os estudantes possam exercitar suas imaginações, suas criatividades e seu pensamento crítico. Isso ocorre porque o local é aconchego de grande arsenal de livros, o que instiga a procura por novos exemplares. É necessário reforçar a importância da leitura e do livro em ambiente dialógico, uma vez que se complementam: o livro fornece o conteúdo e a leitura contribui para absorção do conteúdo. Segundo os estudos de Pimentel (2007, p. 23):

Biblioteca escolar - localiza-se em escolas e é organizada para integrar-se com a sala de aula e no desenvolvimento do currículo escolar. Funciona como um centro de recursos educativos, integrado ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo primordial desenvolver e fomentar a leitura e a informação. Poderá servir também como suporte para a comunidade em suas necessidades.

À vista disso, a biblioteca escolar se torna elemento importante na formação leitora, fortalecendo e valorizando a leitura literária em seu cotidiano, ao promover o contato direto do aluno com o livro e, assim, tornar-se o espaço em que contribui para a construção do pensamento crítico e o desenvolvimento linguístico. Por outro lado, seus benefícios não se restringem aos educandos: o corpo docente tem o suporte necessário para o desenvolvimento de seu trabalho, na criação de atividades inovadoras que podem despertar o interesse dos alunos pela leitura.

Por sua vez, para desenvolver atividades que possam estimular o hábito de leitura, faz-se necessária a formação continuada do professor, devido às constantes mudanças sociais. As formações continuadas oferecem ao corpo docente visões críticas, o que impulsiona o crescimento profissional significativo, pois refletir sobre as ações praticadas em sala possibilita novas perspectivas sobre o ensino, tornando-se espaço de reflexões sobre os tipos de abordagens adotadas no ambiente escolar e aquelas que precisam ser readaptadas. Tais formações permitem ao docente realizar a autoavaliação, reconhecendo as limitações e os desafios para superá-las. Portanto, a formação continuada é indispensável para a construção de novas práticas pedagógicas mais eficazes e inovadoras, de modo a realizar diálogo mais dinâmico e oferecer ensino de qualidade. Conforme Delors (2003, p. 160)

A qualidade de ensino é determinada tanto ou mais pela formação contínua dos professores, do que pela sua formação inicial... A formação contínua não deve desenrolar-se, necessariamente, apenas no quadro do sistema educativo: um período de trabalho ou de estudo no setor econômico pode também ser proveitoso para aproximação do saber e do saber-fazer.

Por sua vez, a formação continuada não serve apenas para o desenvolvimento de uma boa prática pedagógica, mas também na construção do profissional. A construção da identidade profissional contribui para uma educação de qualidade e igualitária, pois é através desta que se adquirem novos saberes e domínios do conteúdo específico de cada disciplina. A maneira como o professor se posiciona no espaço escolar provoca significação positiva ou negativa, assim o uso de práticas mais reflexivas e discursivas é retrato de uma formação que trouxe benefícios à identidade individual e que foi transferida à sala de aula.

Ao pensarmos em formação de leitores críticos e a formação continuada, percebemos que o professor ainda carece de muita formação, visto que as atividades de leitura do planejamento escolar estão muito presas ao acontecimento literário, sem articulação com o contexto social e a vida do educando. Também, a pesquisa leitora inclui

conhecer certos elementos estruturais da obra: esses também, nem sempre, são levados como foco de aula, esquecendo, por exemplo, a importância do título da obra, as imagens que a compõem, a grafia incomum de determinadas palavras. Levar todos esses elementos como partes constituintes da leitura provoca o interesse pela pesquisa, e pode levar ao gosto pelas leituras.

O processo de interação professor-aluno é essencial para que os estudantes possam realizar anotações importantes, tornarem-se críticos e reflexivos, pois na leitura dialógica, o educador se torna mediador, abrindo espaço para debates sobre as obras, permitindo, com isso, posicionamentos diversos que possibilitam a construção de identidades plurais. Desse modo, a leitura deve ser vista de forma ampla e criticamente, e não apenas como um texto que serve para responder uma atividade de interpretação textual.

A construção do pensamento crítico mediada pela leitura visa promover independência discursiva e formação de opinião individual, ao desenvolver habilidades cognitivas que possibilitem ao indivíduo realizar análise, percepções de mundo, de modo a construir empatia. Tais elementos são mobilizados em muitas obras literárias, e devem ser apresentados pelo educador no processo de mediação de leitura.

2. O ensino de literatura

Antonio Candido (2023) argumenta que a literatura atende a necessidades universais, agindo como uma força que molda simultaneamente sentimentos, personalidades, desejos e reflexões que todos nós carregamos de maneira confusa e dolorosa. Para o autor, quando o texto estético contamina nossa vida de forma impactante, liberta-nos das desordens existenciais, contribuindo para a nossa humanização. O direito de ler é considerado uma responsabilidade social que todos na sociedade devem assumir. É essencial que a comunidade assuma essa responsabilidade coletiva, contribuindo para a criação de formas mais acessíveis e agradáveis de a criança ter acesso e se envolver com a literatura. Dessa forma, quem se dedica a incentivar a leitura está colaborando para a construção de um país mais digno, democrático e igualitário.

Candido ainda defende que o direito à literatura constitui uma dimensão essencial aos direitos culturais, e sua implementação efetiva exige ações desde os primeiros momentos da socialização, com destaque especial para o papel ativo dos educadores na promoção desse direito nos estágios iniciais do ensino, tanto no âmbito familiar quanto na escola. Nesse contexto, os profissionais da educação têm função incentivadora, sendo

responsáveis por construir um acervo cuidadosamente selecionado que atenda às necessidades da comunidade. O filósofo argumenta que o direito à literatura não se limita apenas ao acesso físico aos livros, mas abrange também o direito de compreender, interpretar e se envolver com a produção literária capaz de contribuir para a formação cidadã. Para Candido (20233, p. 195-196):

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante.

O autor, portanto, destaca que a literatura atua como agente promotor de formação humana mais abrangente e sofisticada. Ao ler obras literárias, o leitor aprimora suas habilidades de compreensão em relação à sociedade e às experiências com o outro, evidenciando que não se trata apenas de uma forma de entretenimento ou história ficcional, ela é ampla e enriquece o pensamento, o que leva à humanização do indivíduo.

Todorov (2009) contribui, salientando que a literatura atua como apoio emocional, explorando questões psíquicas por meio da reflexão e proporcionando aos leitores uma vivência mais rica da experiência humana. Embora não seja primariamente considerada uma técnica de cuidado para a alma, a literatura é apresentada como uma revelação do mundo, capaz de transformar individualmente cada pessoa de dentro para fora ao longo de sua trajetória. Assim, ela não apenas oferece consolo, mas também atua como força transformadora, influenciando a perspectiva e a experiência interna de cada leitor. Todorov (2009, p. 77) estabelece que:

Como o filósofo e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo) a experiência humana.

Frente a isso, quando a narrativa penetra em todas as esferas, ela pode transformar-se em suporte psicológico, auxiliando na abordagem das adversidades como chances para fortalecimento e enriquecimento de experiências. Cosson (2014) levanta questionamentos acerca das dificuldades vivenciadas por estudantes do 7º e 8º anos do ensino fundamental, os quais não conseguem ler, enfrentam desafios na interpretação e têm dificuldade em decifrar a escrita. Esses alunos apresentam ausência de domínio na leitura, quase se configurando como analfabetos, devido à carência de prática e experiência. Isso ocorre

porque ainda não alcançamos, em todo o território nacional, formação docente que leve ao educador formas abrangentes de trabalho de leitura literária.

A literatura abrange três dimensões de aprendizagem. Inicialmente, tem-se a aprendizagem que, essencialmente, concentra-se em experimentar o mundo por meio da palavra. Utilizar a linguagem literária como instrumento para explorar e compreender a complexidade da existência permite que os leitores vivenciem diferentes perspectivas e realidades através da narrativa e da expressão literária. Na segunda dimensão, aborda-se a aprendizagem referente à leitura, que inclui a aquisição de conhecimentos relacionados à história, teoria e crítica literária. Nela, os leitores buscam compreender as variadas camadas e os contextos que envolvem a literatura, incorporando influências históricas, teorias e a habilidade crítica necessária para avaliar e analisar obras. Dessa forma, a leitura de textos literários não apenas amplifica a competência cognitiva, como também impulsiona o desenvolvimento de habilidades de leitura.

A terceira dimensão estaria direcionada à criação literária, que viabiliza e abrange mais ainda o processo de escrita e produção. Essa prática permite que os alunos desenvolvam suas vozes e estilos, pois não só consomem e analisam textos, mas também se envolvem ativamente na produção das obras, aprimorando a escrita, formas de expressões, criatividade e inovação. Essa organização da aprendizagem se concretiza pela absorção de valores, pela compreensão das complexidades humanas e pelo aprimoramento de habilidades que transcendem a simples decodificação de palavras. Nesse sentido, a literatura não se revela apenas como uma expressão artística, mas também como uma contribuição essencial para a formação leitora.

O letramento literário proporciona habilidades de leituras e interpretações textuais de maneira a compreender suas estruturas, temas e significados, ultrapassando a mera decifração de palavras e englobando análises de enredo, personagens e contextos sociais. Portanto, a contribuição do letramento literário neste processo de aprendizagem encontra-se de forma inovadora, pelo fato de oferecer maior significação para os docentes sobre a importância da leitura literária. Cosson (2014, p. 47) reitera que:

O processo do letramento literário é que propomos novo caminho. Seus pressupostos, que tentamos tornar explícitos na primeira parte deste livro, determinam, em primeiro lugar, que o ensino da literatura deve ter como centro a experiência do literário. Nessa perspectiva, é tão importante a leitura do texto literário quanto as respostas que construímos para ela. As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras

Portanto, o letramento literário envolve a compreensão do contexto histórico e

cultural das obras, permitindo que os alunos vejam a literatura como um reflexo da sociedade. Essa abordagem crítica é substancial para formar leitores mais conscientes e informados e sendo responsável pelo desenvolvimento de cidadãos críticos e engajados. Exemplo a ser pensado é o caso do Ensino fundamental II.

O ensino da literatura no nível fundamental II sofre lacunas, pois, em muitas escolas, de fato, priorizam o ensino da leitura como um processo de decodificação de signos linguístico, tendo como habilidades centrais a identificação de palavras, as compreensões textuais e interpretações superficiais do texto, deixando de explorar a capacidade intelectual do aluno ao discutir criticamente as narrativas. Por sua vez, percebemos que esse estilo de didatização carrega falhas, uma vez que se faz necessário que os estudantes realizem leitura avançada, que envolva não somente a compressão do texto de forma superficial, mas, também, analítica, que se resume, em especial, no questionamento e na contextualização das informações. Desse modo, o discurso literário serviria, como ressaltou Candido, de forma a amparar o jovem leitor em sua caminhada nas relações com os outros, ou seja, na conferência de interações mais humanas e responsáveis.

É importante ressaltar que o currículo escolar ainda é muito restrito e padronizado, pois limita muito a criatividade dos professores e impede que os mesmos possam explorar mais os campos da leitura, o que, de fato, dificulta a possibilidade de os alunos desenvolverem o pensamento crítico. Com isso, o educando fica preso ao mesmo problema enfrentado pelo professor, uma vez que a educação transmitida, devido a suas limitações, como destacado acima, impossibilita o avanço do pensamento em relação ao contexto de estudo. Vale lembrar a função social da literatura, que é nos fazer observar, de forma mais realista, as problemáticas sociais; não só elas, mas reconhecer a diversidade cultural do nosso povo. Assim, levando em conta essas prerrogativas, construiríamos relações mais alterísticas.

Por sua vez, o que resta claro, quando observamos o ensino de literatura, é que ele está amparado no estudo dos períodos literários, focando na classificação de autores e em características formais da obra, sem a articulação devida com o tempo histórico. Dias (2011, p. 20) argumenta que:

O ponto inicial da discussão e que merece ser desvisto, a meu ver, parece ser de tomar a periodização como pressuposto metodológico (exclusivo) para o ensino da Literatura, como se está só pudesse ser abordada em função dos chamados períodos ou outros nomes que lhe são dados: estilo de época, escolas, movimentos e etc. Pensando dessa maneira, ou melhor, permanecendo

nesse currículo de dependência entre os dois universos, o que temos é uma relação de causa e efeito, próprio de uma concepção determinista, por meio da qual os fenômenos só podem ser explicados dentro de uma lógica mecânica e sistêmica.

Assim, a autora ainda acrescenta que essa problemática está articulada a questões ideológicas, o que leva o ensino das disciplinas ao reducionismo, posto que há limitação no enfoque das questões sociais trabalhadas nos textos estéticos. Esse olhar distante para os fatos literários bordejando o desejo de a classe dominante manter seus privilégios, pois se afasta do ensinamento crítico, ato que levaria o estudante a questionar as ações de seu meio social. Quando este fica só na superfície do texto e não realiza leitura mais avançada, automaticamente perde a oportunidade de desenvolver habilidades importantes, como leitura responsiva, ou seja, impede que o aluno tenha pensamento criativo e dificulta a capacidade de relacionar o que lê com o mundo em sua volta.

No entanto, as adversidades em torno do uso da literatura como ferramenta de alfabetização tornam-se mais complexas e abrangentes em meio às transformações sociais e culturais. Isso se deve à redução significativa da influência da literatura, uma vez que as mudanças na sociedade têm sido moldadas, em grande parte, pela ascensão da mídia, que prioriza formas de entretenimento visual e instantâneo. Essa mudança cultural tem gerado alterações marcantes nos comportamentos e atitudes das pessoas, resultando em um decréscimo notável na relevância atribuída à literatura. A saturação de informações e os estímulos visuais impõem desafios consideráveis à atenção dos leitores, levando à perda de sua posição central na cultura, uma situação que suscita preocupações significativas ao causar baixa leitura e procuras por obras literárias.

Por outro lado, é considerável destacar que a prática da leitura tem funções fundamentais no suporte ao ensino da literatura, incorporando diversas atividades pedagógicas com ênfase prática. Nesse sentido, a literatura, como um fenômeno cultural e social, está profundamente ligada à maneira como os educadores utilizam os livros didáticos para conduzir a leitura, ressaltando que os fragmentos de textos literários presentes nos livros não formam leitores. Isso se deve ao fato de que os pequenos fragmentos, muitas vezes, não oferecem uma visão completa e abrangente da obra literária. Torna-se, portanto, importantíssimo buscar e incorporar mais textos literários à sala de aula, a fim de proporcionar uma experiência mais rica e contextualizada. Dessa forma, ao ampliar o repertório de textos, os educadores podem enriquecer o entendimento dos estudantes, promovendo uma apreciação mais profunda e completa da literatura.

O processo de letramento literário viabiliza a criação de indivíduos sensíveis e críticos, à medida que, por meio da aprendizagem, adquirirem habilidades das palavras, da diversidade de conhecimentos que oferece e da representação do mundo real, ela instiga nos leitores uma identificação profunda. Essa identificação tem o poder de levá-los a refletir, compreender e intervir em sua própria realidade. Todorov (2009, p. 76) confirma que:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.

Assim, a literatura auxilia de forma direta no suporte emocional, agindo como um apoio vital para jovens leitores que enfrentam condições depressivas, situação cada vez mais comum nos dias atuais. No entanto, torna-se desafiador devido à limitada acessibilidade dos alunos às obras literárias que proporcionam reflexões.

Assim, o desafio associado à falta de interesse dos estudantes pela leitura começa logo em suas fases iniciais. Isso ocorre devido aos textos presentes nas bibliotecas escolares, serem muitos antigos, ou seja, desestimulam os jovens à leitura. Zilberman (2012, p. 20) argumenta que:

Pensar a questão da formação do leitor não significa, portanto, constatar tão somente uma crise de leitura; o tema envolve, antes de mais nada, uma tomada de posição relativamente ao significado do ato de ler, da organização específica da sociedade brasileira, de outro, do conjunto da sociedade burguesa e capitalista.

Portanto, além da mencionada problemática sobre a desestruturação das bibliotecas públicas, surge a questão capitalista e burguesa, conforme destacado por Zilberman, que ressalta a disparidade social no acesso à leitura. A formação de leitores está intrinsecamente vinculada à estrutura da sociedade brasileira, uma vez que nem todos têm acesso a obras literárias de qualidade, e muitos enfrentam dificuldades para frequentar instituições educacionais, refletindo, assim, a desigualdade social.

A política educacional deveria estar integrada à base sólida de educação, juntamente com a política cultural. No entanto, a realidade é bastante diferente. A política cultural, por exemplo, deveria concentrar esforços na adoção de novas metodologias de ensino da literatura. Atualmente, a literatura, muitas vezes, é inserida de maneira mecânica no currículo, carente de abordagens críticas e frequentemente desvalorizada ao

longo do tempo. Zilberman (2012, p. 80) informa que:

Por seu turno, uma política cultural voltada à leitura precisa proporcionar, em princípio, a popularização da literatura. No entanto, o significado desse projeto não parece tão nítido na sociedade brasileira, como o anterior, relativo à escola. Como se viu, o conceito de literatura popular é divergente, lidando com critérios simultaneamente econômicos, sociais e estéticos.

Por fim, devido à falta de intervenções e projetos políticos, as atividades pedagógicas acabam gerando tédio e desinteresse nos estudantes em se tornarem leitores ativos. Isso impede que eles reconheçam a grandiosidade que a leitura literária pode proporcionar à contribuição da formação humana. Esse cenário ocorre, em grande parte, devido ao sistema de ensino fragilizado, determinado pela classe dominante.

A ideia de ensino fundamentada em multiletramentos é fundamental na educação atual, uma vez que valoriza a variedade de linguagens e modos de comunicação. Esta estratégia, que combina mídias verbais, visuais e digitais, incentiva o envolvimento ativo dos estudantes, possibilitando o desenvolvimento de competências críticas e criativas

3. Os multiletramentos como possibilidades pedagógicas

Pensando em inovação e qualidade na educação, é necessário enfatizar o quanto os multiletramentos na escola são inovadores. Estes são capazes de abrir espaços para abordagens que abrangem a diversidade nas formas de comunicação, levando em consideração o mundo conectado e a era digital. Explorar esse caminho pode ser um grande avanço na educação, pois as formas de linguagem e comunicação vão muito além da leitura e escrita tradicional, posto que no ato da comunicação as informações se tornam diversificadas. De maneira geral, o conceito de multiletramentos destaca a habilidade de ler, interpretar e atribuir significados a diferentes tipos de textos, abarcando textos escritos, imagens, áudios, vídeos e mídias digitais. Essa abordagem possui grande potencial para promover uma educação mais abrangente e interessada aos estudantes. Rojo (2012, p. 22) estabelece que:

Em qualquer dos sentidos da palavra "multiletramentos" — no sentido da diversidade cultural de produção e circulação dos textos ou no sentido da diversidade de linguagens que os constituem —, os estudos são unânimes em apontar algumas características importantes:

- (a) eles são interativos; mais que isso, colaborativos;
- (b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos

textos [verbais ou não]);
 (c) eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).
 Assim sendo, o melhor lugar para eles existirem é "nas nuvens" e a melhor maneira de se apresentarem é na estrutura ou formato de redes (hipertextos, hipermídias).

Com a introdução das mídias sociais, a internet passou a ser um ambiente de colaboração, onde os usuários não apenas consomem, mas também criam e disseminam informações em tempo real. Recursos como blogs, podcast, chats, instagram, facebook, twitter, word/ office, googledocs, powerpoint possibilitam que pessoas de diversas origens se reúnam para produzir conteúdos em conjunto, promovendo, assim, a democratização do saber.

Nesse novo contexto, os multiletramentos se tornam essenciais, porque capacitam os indivíduos a explorar e compreender uma ampla gama de formatos e mídias, questionando as hierarquias tradicionais de poder e permitindo uma diversidade maior de vozes no espaço público. Essa interação dinâmica enriquece não apenas o processo de aprendizagem, mas também favorece um ambiente em que as relações de poder são constantemente avaliadas e redefinidas. Rojo (2012, p. 24) destaca que:

Ora, evidentemente, a lógica interativo-colaborativa das novas ferramentas dos (multi)letramentos no mínimo dilui e no máximo permite fraturar ou subverter/transgredir as relações de poder preestabelecidas, em especial as relações de controle unidirecional da comunicação e da informação (da produção cultural, portanto) e da propriedade dos "bens culturais imateriais" (ideias, textos, discurso, imagens, sonoridades). Não é preciso me alongar sobre a intensa luta que tem sido travada a respeito do (não) controle da internet e de seus textos.

Incorporar o multiletramento e a hipermodalidade ao currículo escolar é um grande progresso, pois a ideia de combinar texto e imagem implica uma interação em que as experiências ocorrem de diversas maneiras, como no caso do uso de hipertextos na internet. Através desses hipertextos, é possível explorar diversos caminhos, narrativas e informações, possibilitando que os estudantes acessem novas informações com experiências mais ricas e dinâmicas. O uso didático e interativo das redes sociais pode se tornar um recurso eficaz na formação de leitores proficientes, além de auxiliar os alunos a se adaptarem às tecnologias de maneira relevante, aprimorando não somente as competências de leitura e escrita, mas também a competência digital.

Nesta era digital, a literatura recebe grande destaque, focando especialmente no conceito de hipertexto. Esta forma de escrita permite conexões não sequenciais entre dados, proporcionando ao leitor uma experiência interativa e personalizada. O hipertexto

não apenas altera a estrutura narrativa tradicional, mas também transforma o leitor em um coautor, já que suas escolhas afetam o avanço da história. Esta interação é uma característica essencial da literatura contemporânea, destacando a importância das tecnologias emergentes na criação de textos e na leitura.

As novas tendências na ciberliteratura, tais como a poesia animada por computador, a literatura generativa e a hiperficção, exploram a interação e as propriedades multimídia, gerando experiências literárias inovadoras que transcendem o formato convencional. O efeito das tecnologias digitais na educação exemplifica como elas expandem o acesso ao saber e modificam a interação do leitor com os textos. Com a oportunidade de percorrer variados percursos narrativos e interagir com os conteúdos de forma personalizada, a leitura se transforma numa experiência singular e diversificada, espelhando as complexidades e sutilezas da sociedade atual. Esta progressão enfatiza a necessidade de se adaptar e inovar na produção literária, utilizando as ferramentas digitais como parceiras na criação de novos formatos de arte e comunicação. Contudo, existe uma ponderação acerca da relevância dos livros impressos, que proporcionam uma experiência sensorial singular que o ambiente digital não é capaz de reproduzir. Silva (2011, p. 03)

Na atualidade, as novas tecnologias inseriram-se de maneira bastante atuante na sociedade de forma geral, além de propiciarem transformações também na relação da Literatura com a sociedade, e conseqüentemente com os meios de produção, produtores, receptores, levando-nos a repensar e questionar sobre o livro e suas formas de veiculação, e os novos rumos que a leitura pode tomar.

As tecnologias emergentes apresentam tanto desafios quanto possibilidades, destacando a “tecnofobia”, fenômeno em que alguns se opõem à digitalização. Embora haja resistências, a internet não é percebida como uma ameaça para a literatura, mas sim como um meio de rejuvenescer, criando novos gêneros e formas de expressão, como fanfic, vlog e nanoconto. Portanto, o futuro da literatura está fortemente associado ao ciberespaço, que proporciona um ambiente repleto de possibilidades para a criação e propagação de textos, demandando uma revisão dos conceitos tradicionais de leitura e autoria na sociedade contemporânea.

O trabalho com minicontos pode se revelar como grande aliado no desenvolvimento de escrita e leitura, pois possui estrutura breve, que requer do estudante uma precisão na seleção de palavras e na elaboração da história, permitindo que o educando explore sua criatividade e faça sínteses. Ao ler minicontos, os alunos têm a oportunidade de vivenciar suas próprias experiências em diversas narrativas, estilos e

temas, ampliando o conhecimento literário e aprimorando sua interpretação textual. É importante destacar três escritores famosos de minicontos que se sobressaíram: Augusto Monterroso, João Gilberto Noll e Marcelino Freire.

Diante da importância dos minicontos no ensino de literatura, resolvemos analisar o miniconto de Augusto Monterroso “*Quando acordou o dinossauro ainda estava lá*” para evidenciarmos algumas camadas de interpretação e possíveis estilos que podem contribuir com a prática de educadores. É importante ressaltar que se trata do texto completo, o que, para algumas pessoas, pode gerar estranhamento. É possível realizar a interpretação de várias formas. Quando o escritor menciona o “*dinossauro*”, pode ser visto como uma metáfora para os problemas sociais que persistem ao longo dos anos, mesmo quando tentamos ignorá-los ou vencê-los. Isso representa os desafios, medos ou traumas que se dissipam rapidamente, espelhando a dificuldade da sociedade em enfrentar questões históricas ou estruturais. O ato de “*acordar*” pode simbolizar um momento de sensibilização ou reflexão, basicamente, seria a sociedade se despertando para os problemas sociais, levando à reflexão de como as questões sociais são tratadas de maneira superficial até que sejam totalmente negligenciadas. No trecho “*ainda estava lá*”, é possível observar que, mesmo com as transformações e o passar do tempo, a realidade social continua a impactar a comunidade ao longo dos anos. Em outras palavras, nada mudou, tudo continua igual.

A escolha estilística do escritor é essencial para a composição do discurso, pois, no conto acima, quando é empregada a palavra “*acordou*”, a polissemia leva a diversas interpretações, oferecendo ao leitor compreensões diversificadas, podendo instigar sua imaginação ao sugerir que essa palavra simboliza atos de resistência ou de conscientização. O termo “*dinossauro*” expressa o quão antigos e profundamente estão enraizados os problemas sociais. Isso se deve ao fato de o dinossauro ser um animal antigo, mas que ainda está presente no imaginário coletivo. No trecho “*ainda estava lá*” enfatiza-se a ideia de persistência e resistência dos problemas sociais, sugerindo que eles não desaparecem com o passar do tempo.

Portanto, o miniconto contém mensagens ou temas que podem ser explorados criticamente, incentivando os alunos a pensar sobre o que está sendo lido, questionar, fazer relações da obra com suas próprias experiências, ao apontar questões sociais, culturais e emocionais. A utilização dessa ferramenta em sala de aula pode tornar o espaço mais dinâmico e engajado, uma vez que a brevidade das narrativas facilita a leitura e a discussão com a turma, promovendo um espaço de bastante interação entre professor e

aluno. Além de priorizar a escrita criativa, partindo das produções de minicontos, a exploração de temas que estabelecem conexão entre a realidade e a literatura trazem maior significação e relevância no aprendizado. Rojo e Moura (2012, p. 92) discutem que:

A partir de uma sequência didática para o ensino de um gênero multimodal, os minicontos, apresentamos a possibilidade de trabalhar na perspectiva dos multiletramentos, considerando o aluno sujeito de seu próprio dizer/fazer, protagonista de seu percurso de aprendizagem.

Trazer a evolução dos gêneros se torna essencial, pois se explora os elementos da contemporaneidade. Como essas novas formas literárias da era digital fazem parte do cotidiano do estudante, é preciso ser incorporado às práticas pedagógicas. O uso de metodologias no processo de leitura e escrita significa também atribuir métodos tecnológicos. É necessária uma educação contemporânea que visa a participação ativa dos estudantes como elemento fundamental nas aulas, deixando práticas sistemizadas que retirem que os retirem de sujeitos de seu conhecimento para proprietários de sua formação.

Desta forma, por uma educação mais inovadora e democrática, é indispensável que a educação deixe de ser um problema e passe a ser prioridade pois é resposanvél pelo avanço do país, portanto é preciso que as políticas públicas sejam potencializadas e que todos tenham acesso a uma educação de qualidade independentemente das condições sociais e culturais.

Considerações finais

Pensar a literatura articulada ao ensino, é sempre um desafio, em especial, pelo não esgotamento das formas de se trabalhar com essa arte. A literatura, ao se atrelar à tecnologia, nos impõe desafios, pois há renovação constante nas estruturas dos gêneros. Dessa forma, essas novidades precisam integrar o universo educacional, de modo que o estudante se veja parte do processo de ensino. Precisamos sempre lembrar que a literatura é essencial para a formação leitora dos estudantes, justo por promover habilidades linguísticas e ampliação do repertório cultural e social dos alunos.

Os multiletramentos são conceitos que pregam a diversificação nas formas de leitura e interpretação desses novos gêneros em comunhão com a experiência do estudante. Ao utilizar essa multimodalidade de ensino, o educador dialoga com o tempo, pois acompanha as mudanças sociais, hoje, atreladas à tecnologia e respeitando a

diversidade de saberes e vivências de seus educandos. Portanto, empregar a tecnologia como suporte no ambiente educacional otimiza o aprendizado, ao despertar o aluno para uma educação como prática social. Ao utilizar os multiletramentos como proposta de ensino, valoriza-se a literatura nos currículos escolares, justo por formar leitores críticos, criativos, prontos para se posicionar socialmente, preparando o aluno para o mundo em sua volta.

Dessa forma, trazer a experiência dos minicontos para a sala de aula é colocar o aluno em confronto com os textos de seu dia a dia. Os minicontos, apesar de sua brevidade, apresentam ampla profundidade na exploração das narrativas, oferecendo, assim, inovação ao ensino, ao manter viva a literatura e sua contribuição no desenvolvimento de escrita e leitura. Portanto, não devem ser vistos como algo inferior pelo educador, mas explorados dentro de suas capacidades significativas, que são amplas e diversificadas.

Em linhas gerais, o modo como é apresentada a literatura para o estudante reflete muito seu apreço pela leitura. O uso de narrativas e formas estilísticas que se articulem à vivência do aluno é fator determinante para a construção de leitores responsivos e dialógicos.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Ana Karoliny Francisco de Souza e Laisla Guarnier. **As contribuições da literatura no processo de aprendizagem**. 2022 10 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade Multivix de Cariacica, Cariacica, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e Linguística**. Scipione. São Paulo, 1997.

CANDIDO, Antonio. **Direito a literatura: vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2013.

COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Ramalhes Goe da. **Literatura e Formação de Alunos Leitores**. 2015. 33 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 8. ed. - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2003.

DIAS, Maira Heloisa Martins. *Apagando o quadro negro: literatura e ensino*. São Paulo: Unesp, 2011.

DIÓGENES, Thaís dos Santos Nascimento e Ana Luisa Nunes. **Letramento literário: Reflexões sobre a escola e a formação leitora**. 2021. 6 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Estadual do Céara, Itapipoca, Itapipoca, 2021. Editora, 2011. p. 1-6.

ESTETICA, 1., 2011, Curitiba. **A LITERATURA NA ERA DIGITAL**. Curitiba: Sem

FLECK, Gilmei Francisco. **Ensino de literatura e a formação do leitor literário na escola: dos primeiros passos à vida**. 2019. 10 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná -Unioeste, Cascavel, 2019. Formação de Professores, Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2017. Cap. 20.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 25 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

PERUCCHI, Valmira. **A importância da biblioteca nas escolas públicas municipais de Criciúma - Santa Catarina**. 1999. 18 f. Tese (Doutorado) - Curso de Especialista em Educação Ambiental, Universidade Federal de Santa Catarina - Ufsc., Florianópolis, 1999. Cap. 18.

PIMENTEL, G. **Biblioteca escolar**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SILVA, Antonio Carlos Braga. **A literatura na era digital**. In: XII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC CENTRO, CENTROS - ETICA,

TODOROV, Tzvetan. Além da escola. In.: TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 5. Edição. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

TOLEDO, Lucinéia Silveira. **Alfabetismo funcional, linguagem e inclusão social**. 2009. 22 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Formação de Professores Para O Uso de Diferentes Linguagens, Universidade de Matanzas em Cuba, Belo Horizonte, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. 2012. ed. São Paulo: Ibepex, 2012.